

Lembranças do Prof. Alfredo Marques

Memories of Professor Alfredo Marques

Takeshi Kodama*

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Cidade Universitária Rio de Janeiro, RJ - 21941-972

Submetido: 29/09/2021

Aceito: 29/09/2021

Resumo: Lembranças pessoais do Prof. Alfredo Marques nos tempos nos anos 70-90.

Palavras chave: Lembranças pessoais.

Abstract: Personal memories of Prof. Alfredo Marques in the times of 70-90.

Keywords: Personal memories.

O Prof. Alfredo Marques foi uma pessoa fundamental para minha vinda e a vida no Brasil. A primeira vez que o encontrei foi em Tóquio, no final de 1970, se não me engano, quando ele visitou o Japão numa missão da Colaboração Brasil-Japão (CBJ) sobre Raios Cósmicos, junto ao Prof. YoichiFujimoto e Shun-ichi Hasegawa do Instituto de Ciência e Tecnologia (Rikō-Ken) da Universidade Waseda.

Eu estava terminando meu doutorado com o Prof. M. Yamada, do mesmo instituto, na área de Física Nuclear Teórica, mais especificamente sobre a equação de estado da matéria nuclear e sua aplicação no estudo da estrutura de estrelas de nêutrons. O tema era novo, pois um pulsar recém-descoberto tinha sido identificado como uma estrela de nêutrons. Além disso, tinha também interesse em fenômenos de altíssima energia, e pela proximidade entre os laboratórios, costumava visitar o laboratório do Prof. Fujimoto.

Fui apresentado pelo Prof. Fujimoto ao Alfredo, e conversamos sobre a possibilidade de minha ida para o CBPF. Achei essa ideia fantástica. Pois naquela época, além de não ter nenhuma previsão de conseguir uma posição fixa no Japão, me parecia quase um sonho poder trabalhar exclusivamente em pesquisa e ensino no Brasil, ainda por cima, no Rio de Janeiro!

Naquele dia, levei o Alfredo para passear um pouco por Tóquio e almoçamos juntos. Minha primeira impressão do Alfredo foi de um ator de cinema do faroeste americano: loiro, alto, forte e bastante objetivo. Mas ao conversar descobri que nada de faroeste, era muito

educado e cordial.

Para eu realizar aquele sonho, entretanto, demorou pouco mais de um ano, mas acabei recebendo a carta oficial de convite do Alfredo como o Diretor Científico do CBPF. Assim, consegui tirar o passaporte e o visto pela primeira vez em minha vida. Pequei um voo da VARIG e cheguei ao Rio em janeiro de 1972.

Ao chegar no CBPF, o Alfredo me apresentou a diversas pessoas do Instituto, em particular, a equipe do laboratório dele. Conheci o braço direito dele no laboratório, o Luiz Tauhata, além de Donald A. Clarke Binns (que faleceu em 09 de setembro deste ano pela COVID) com os quais acabei criando uma grande amizade.

Também fui apresentado à Profa. Neuza Amato, às microscopistas e conheci o laboratório de análise das placas de emulsão nuclear expostas no observatório em Chacaltaya (Bolívia), onde trabalhavam. O ambiente era bem parecido com aquele do laboratório do Prof. Fujimoto e Hasegawa em Waseda. Sentia-me bem com o ambiente simpático e fiquei muito amigo da Neuza e das microscopistas.



Luiz Tauhata, Maria Helena, Donald K. Binns - Lançamento do Livro *Energia Nuclear e Adjacências*.

*Electronic address: kodama.takeshi@gmail.com

O Luiz Tauhata também me ajudou em muitas situações quando cheguei ao Rio. Lembro que ele foi comigo até à alfândega, no porto do Rio, para retirar minhas bagagens enviadas por navio. E, também, foi ele quem arranhou uma pensão na Rua Martins Ferreira, Botafogo, onde morei de 2 a 3 meses até a chegada da minha família. Tauhata, junto com os outros colegas, tais como Donald Binns, ensinaram muitas coisas imprescindíveis para iniciar minha vida no Rio de Janeiro.

Naquela época, o Alfredo era o Diretor Científico do CBPF e devia ser muito ocupado com tarefas extremamente difíceis e delicadas, mas eu não imaginava o quanto. Ele nunca falava sobre as dificuldades e estava sempre alegre. Era surpreendente para mim que o Diretor do Instituto, bem mais sênior, me tratasse como um amigo, sem formalidades. Saímos muitas vezes para almoçar fora do CBPF, na caminhonete Ford azul dele, e conversávamos sobre vários assuntos desde nova fonte de energia, poluição, políticas, literaturas, músicas, entre outros. Fiquei muito impressionado por sua extensa e profunda cultura. Naturalmente falávamos sobre assuntos mais leves, às vezes tomando umas caipirinhas como pode ser visto na foto abaixo (naquela época, podia beber pouco e dirigir... acho). Nessas horas, ele me contava vários episódios muito engraçados do CBPF, em particular, sobre o Prof. Cesar Lattes, e tudo para mim era novidade. Lembro de certa vez em que o Alfredo teve que levar o Prof. Lattes para uma clínica médica, e ficaram aguardando na sala de esperasentados lado a lado, até o Lattes ser chamado. Aí, chegou o médico e olhando os dois perguntou: “Sr. Cesar?”. O Prof. Lattes apontou imediatamente para o Alfredo. Então, o médico falou para o Alfredo “Por favor, vem comigo pra cá”... O Alfredo me disse que teve dificuldade de explicar ao médico que o cliente era o outro. Era uma brincadeira típica do Prof. Lattes e lembro quemorri de rir (aliás, com o Prof. Lattes aprendi muitas piadas politicamente não corretas).



O ambiente do CBPF, refletindo a personalidade do Alfredo, era muito leve e simpático. Nada de formalidades. E dessa forma, mesmo não sabendo falar português, conseguia me comunicar bem com todo mundo, não somente com os pesquisadores dos laboratórios, mas também com os funcionários da biblioteca, da portaria, da secretaria etc. Acho que devido a esse ambiente extremamente aberto e livre, logo que ganhei a sala no

CBPF (3o andar do atual prédio do Auditório Ministro João Alberto Lins e Barros) começaram aparecer alunos que visitavam minha sala perguntando problemas de física ou procurando um tema de tese para trabalhar.

Eu sempre ia de terno e gravata, e olhando isso, uma vez o Alfredo me disse: “Você ainda não está acostumado com a vida aqui”. Aliás, de fato, não sabia que o prédio ficava fechado depois de certa hora da noite, acho que era 20:00h, e quando percebi eu estava sozinho no prédio, com todas as portas trancadas. Voltei à minha sala, saí pela janela, pulei para um dos galhos da árvore próxima e desci...

Refletindo agora, é incrível como o Alfredo manteve aquele ambiente tão livre e leve no CBPF mesmo tendo presença militar no instituto. Lembro que uma vez fui apresentado ao Presidente do CBPF e ao Coordenador de Pós-Graduação, um almirante e o outro coronel, respectivamente. E devo confessar que após aquele momento em nenhuma outra ocasião encontrei um deles. Mas efetivamente quem mantinha as atividades acadêmicas era o Alfredo.

Naquela época o Alfredo, junto com dona Lelé, sua esposa, (ela sempre reclamava quando eu a chamava de “dona” Lelé, mas para mim era muito difícil retirar o “dona”) moravam numa casa no Cosme Velho onde fui muitas vezes. Nessas ocasiões, também o assisti tocar violão de forma quase profissional, adorava ouvi-lo tocar “Recuerdo de la Alhambra”. Depois, eles mudaram para Petrópolis e fiquei com menos chances de visitá-los, embora tenha ido algumas vezes com a minha família nos fins de semana.

Fiquei no CBPF até 1993, e durante esses 21 anos convivi muito próximo ao Alfredo, tanto profissionalmente como pessoalmente, e aprendi bastante com ele para saber lidar e apreciar a cultura carioca.

Na hora de decidir mudar para UFRJ, conversei com Alfredo longamente sobre meu desejo de ensinar para alunos de graduação, e pedi permissão para sair do CBPF. Aparentemente ele já tinha conversado com o Fernando Souza Barros, professor da UFRJ, sobre essa possibilidade.

Para mim, o Alfredo é o mestre e amigo que deu sentido a minha vida no Brasil. Sem ele, com certeza, não existiria minha vida atual. Sinto agora tanta saudade de sua alegria, sua inteligência, sua cultura e sua amabilidade, que me ensinaram e ajudaram muito, principalmente nos primeiros tempos aqui no Rio.

*Muito obrigado, Alfredo, com muita saudade,
Seu discípulo e seu amigo,*

Takeshi Kodama